



NÃO CONFIE EM NINGUÉM

Livros de Charlie Donlea

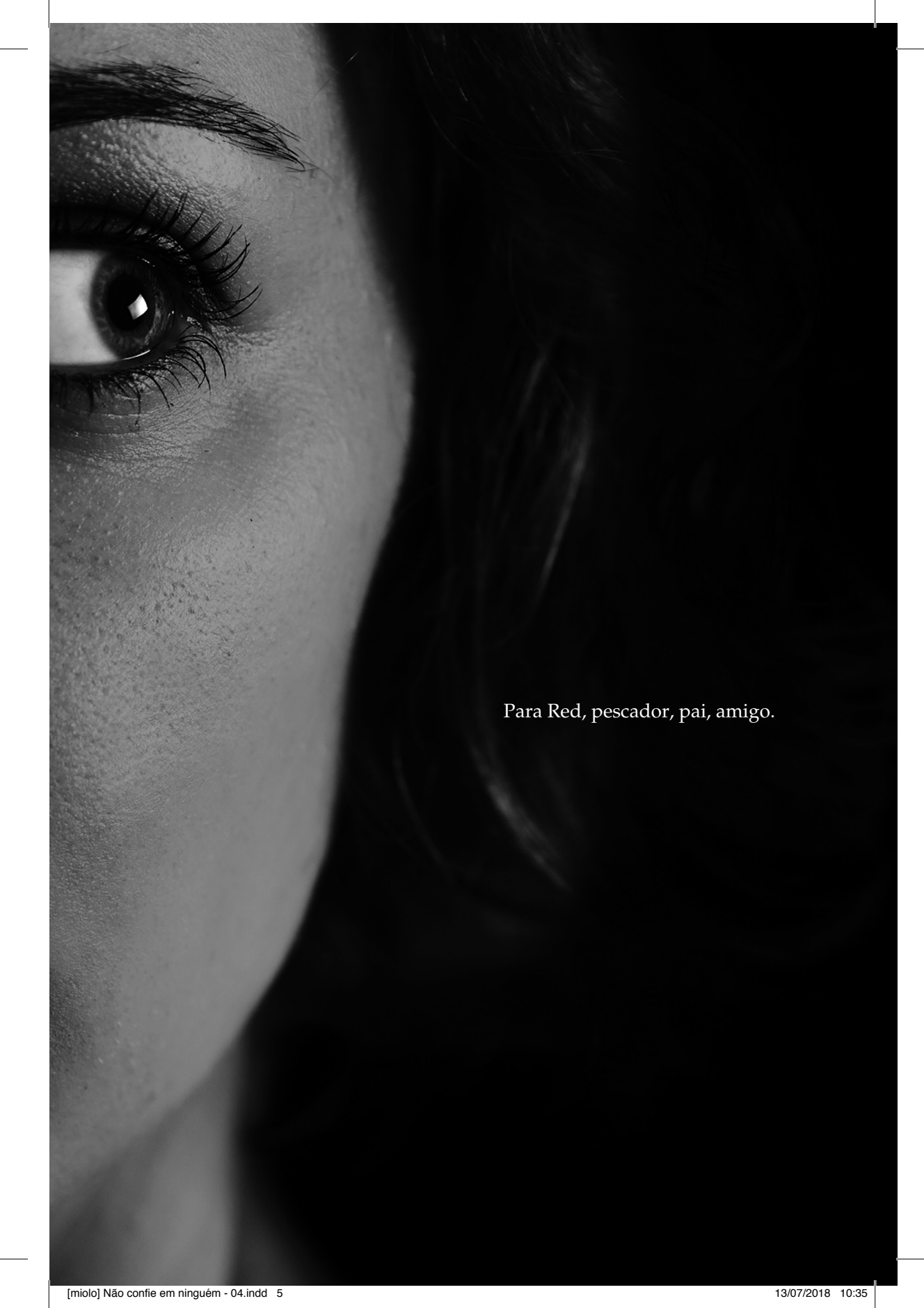
A Garota do Lago
Deixada para trás
Não confie em ninguém

CHARLIE DONLEA

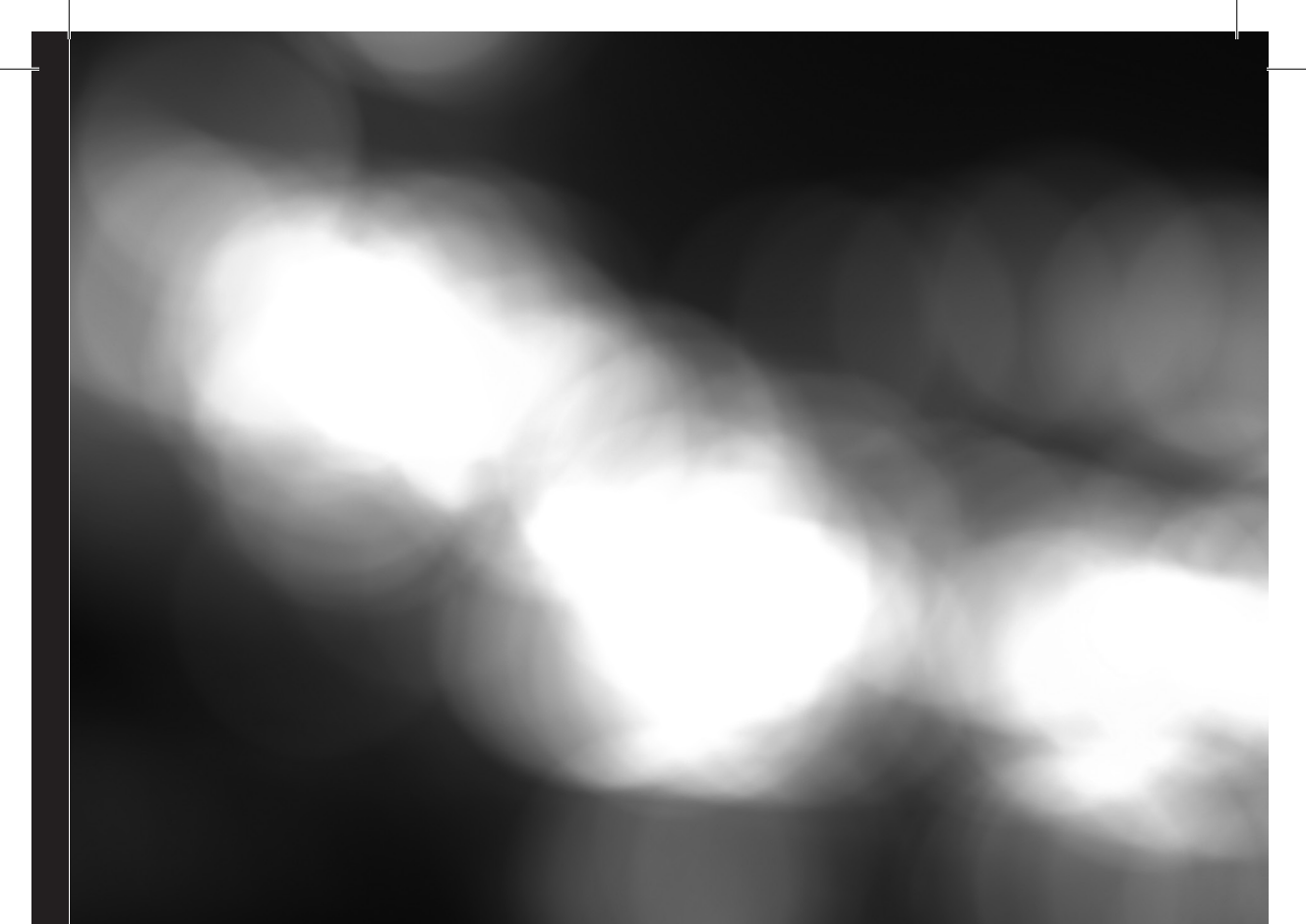
NÃO CONFIE EM NINGUÉM

Tradução: Carlos Szlak



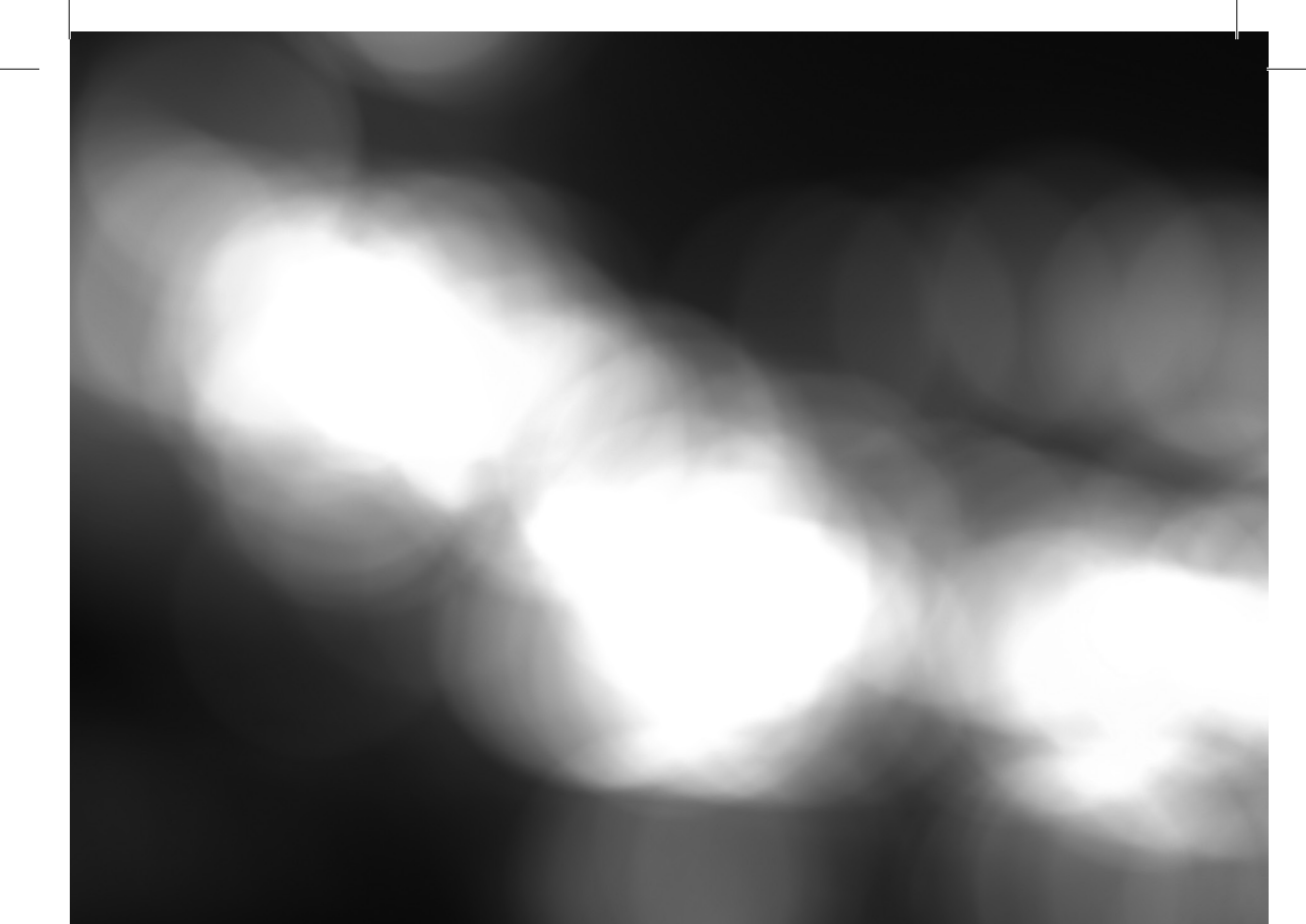


Para Red, pescador, pai, amigo.



DOCUMENTÁRIO: um filme ou programa de tevê baseado em um acontecimento, uma época ou uma história de vida real, ou em sua recriação, que tem o objetivo de ser factualmente preciso e não conter elementos fictícios.

— CAMBRIDGE ENGLISH DICTIONARY



Em um longa-metragem, o diretor é Deus; em um documentário, Deus é o diretor.

— ALFRED HITCHCOCK



SUGAR BEACH

SANTA LÚCIA, CARIBE ORIENTAL

Gros Piton
Jalousie Plantation – Vila de Casas e Pousadas
29 de março de 2007

O SANGUE ERA UM PROBLEMA.

Eu soube assim que o senti pingar em meu rosto. Ele escorria do contorno do couro cabeludo dele e deslizava pela mandíbula, até gotejar no penhasco de granito, primeiro em gotas vermelhas esporádicas, como os primeiros pingos de chuva de uma tempestade que se aproxima, e, depois, em um fluxo contínuo, como se uma torneira tivesse sido conectada no lugar de sua cabeça onde eu a golpeei. Foi um erro de julgamento e estratégia; uma lástima, porque até aquele momento eu agi com perfeição.

Um instante antes, na curva final de minha árdua escalada do Gros Piton, pisei numa poça de lama com as solas macias dos sapatos. A adrenalina tinha tomado conta do meu corpo, o que facilitou bastante a jornada. As endorfinas me ajudariam muito. Eu precisaria de seus poderes analgésicos para descer a montanha tão rápido quanto a subi. Matar alguém exige perfeição, *timing* e sorte. Eu esperava que esses três atributos estivessem ao meu lado nesse entardecer.

Ele ficou visível. Enquanto olhava fixamente para além do penhasco, o sol poente projetava sua sombra em minha direção como uma pantera negra pintada no solo. Ele estava de pé ao lado de uma manta que estendera sobre o granito junto a uma garrafa de champanhe e duas taças. Ao fundo, o sol se aproximava do horizonte, derramando seu brilho sobre as águas calmas do Caribe, perturbadas apenas por um veleiro cuja vela de balão luminosa se achava inflada pela brisa do entardecer.

Eram trinta metros até a água. Uma queda em linha reta, e próxima da base da montanha, que o mar não poderia amortecer substancialmente. Confirmei isso na véspera. Pensei muito a respeito à noite. Além da profundidade da água, calculei o tempo que eu levaria para alcançar o penhasco e voltar para o meu chalé. Tracei meu caminho de volta através do *resort*. Levei em consideração o inesperado. Era uma necessidade para qualquer estratégia correta. E, o mais importante, considerei quanto tempo eu passaria com ele no penhasco. Não seria muito.

De meu lugar na folhagem, dei alguns passos silenciosos para a frente até que ele ficasse acessível, perto o bastante para eu o tocar. Porém, o toque físico seria limitado nesse entardecer. O toque físico deixaria pistas, fibras e provas periciais. Minha arma me permitia manter-me a uma distância segura. Eu a ergui, fazendo uma pausa ligeira no ponto máximo do arco, no momento em que minha mão estava erguida bem acima de minha cabeça, então a abaixei em um golpe violento contra seu crânio. O contato foi vigoroso. Um ataque direto que ele não previu e provavelmente não sentiu. Além de uma sinapse ligeira que se irradiou através dos neurônios do sistema nervoso central, ele provavelmente não sentiu nada. Nenhuma dor, nenhum sofrimento. A menos que, claro, ainda estivesse consciente quando ultrapassou a beira do penhasco. Tento não perder tempo com isso.

Imediatamente eu soube que meu ataque fora muito agressivo. Meu objetivo era atordoá-lo e deixá-lo incapaz de se defender. Em vez disso, meu golpe quase o matou. Automaticamente, ele levou a mão à parte posterior da cabeça e caiu de joelhos. Esperei e observei, sem saber ao certo como as coisas progrediriam. Ele pareceu reconhecer o sangue que pingava no granito e conseguiu reunir força suficiente para se erguer, cambaleante. Antes que ele pudesse se virar, porém, dei um toque em seu traseiro com meu pé, e ele desapareceu. Não o ouvi aterrissar, nem escutei um barulho de batida na água. Não me atrevi a me aventurar até a beira do penhasco com medo de que alguém tivesse visto seu corpo caindo na direção do mar, como um paraquedista cujo paraquedas não abriu, e, na sequência, olhasse para a origem da queda e me visse espreitando.

Nesse momento, no entanto, após avaliar o penhasco, me pus a trabalhar para descobrir a melhor maneira de reparar meu erro. O sangue

contaria uma história diferente da que eu esperara descrever nesse anoitecer. Levei apenas uma fração de segundo para tomar minha decisão. A carnificina sobre o penhasco era impossível de esconder. O respingo no meu rosto, porém, precisava ser enfrentado. Em uma inspeção mais atenta, notei que o borrifo correu pelo meu peito e pela minha mão esquerda. Outro acúmulo, notei, manchou minha arma de vermelho. Foi um erro infeliz; não forçado e provocado inteiramente pelo meu ímpeto. Não havia como solucionar todos esses problemas. Assim, escolhi o mais urgente — o sangue que me cobria — e arrumei uma solução. Dei as costas para o sol poente e o penhasco coberto de sangue e desci correndo a montanha, pisando na terra, atravessando o mato e descendo pela escada de pedras e bambu diretamente até o chalé.

Gros Piton
O penhasco
29 de março de 2007

JULIAN CRIST FEZ A ESCALADA DO PICO GROS PITON, NA ponta sudoeste de Santa Lúcia, em pouco menos de trinta minutos. Alcançar o cume do Piton era um programa turístico popular que ele e seu grupo haviam realizado no dia anterior. Nesse entardecer, porém, Julian subiu sozinho até o penhasco de Soufrière; um local que ele encontrara na véspera e decidira que seria um lugar perfeito para observar o pôr do sol. Tratava-se de uma caminhada fácil, que exigia pouco mais do que seguir a trilha que se estendia a partir da base da montanha. A parte mais árdua do passeio era uma subida íngreme por uma escadaria de cinquenta degraus, na encosta do penhasco, feita de pedregulhos e bambus pelos moradores de Santa Lúcia, que tornava transitável o íngreme desfiladeiro inferior.

Assim que o caminhante superasse o único desafio na subida para o penhasco, o resto da escalada seria tranquilo por uma trilha de terra que oferecia vislumbres ocasionais do Mar do Caribe e do resort na orla da praia. Era uma caminhada pitoresca, e, quando chegou à clareira, Julian soube que era o lugar perfeito para o que planejava. Ele tirou a mochila dos ombros e estendeu a manta sobre o granito liso do penhasco. Abaixo, uma vista impecável da baía dos Pitons, onde, em cerca de quarenta minutos, o sol sumiria do céu azul sem nuvens e mergulharia no horizonte.

Julian consultou o relógio. Para compensar sua tolice, o cenário precisaria estar impecável para a chegada dela. Ele quase arruinara tudo

nesse dia, mais cedo. Errara ao acusá-la de algo, especialmente porque era ele quem estava escondendo certas coisas. Contudo, faria as pazes com ela esta noite.

Julian tirou duas taças de champanhe da mochila e abriu uma garrafa de *Veuve Clicquot Yellow Label*. A rolha decolou em um arco elevado e depois começou a cair, desaparecendo na beira do penhasco. Ele sentiu um frio na barriga ao observar o voo da rolha. Pela vigésima vez desde que começara a subir o Gros Piton, Julian verificou o seu bolso, esfregando os dedos nas bordas para se certificar de que não tinha perdido.

Com tudo preparado, ele ficou ao lado da manta, observando o sol se pôr. Um veleiro, com sua vela colorida enfunada pelo vento, navegava inclinando-se pela baía dos Pitons. À direita, ele podia ver a praia e um pequeno grupo reunido para assistir ao crepúsculo. Se havia outro lugar mais bonito no planeta, ele ainda não conhecera.

Julian ouviu um graveto estalando atrás de si, e se perguntou como ela pudera alcançar o penhasco sem ele perceber sua aproximação. Antes que esse pensamento fizesse seus músculos reagirem, Julian sentiu um golpe abalar seu corpo. Começou na cabeça, um impacto rápido que paralisou o tempo e congestionou seus movimentos, como se ele nadasse em óleo. Apenas o filete de sangue no cabelo e no ouvido fez com que sua mente alcançasse o presente. Então tocou o lugar na cabeça onde a onda de choque se originou, e trouxe as mãos de volta diante de si ao cair para a frente, de joelhos. De quatro, observou o sangue pingar no granito quando se inclinou mais. O sol realçou a mão direita, cujos dedos eram pontas vermelhas, que pareciam pertencer a outra pessoa.

Julian se ergueu cambaleante e deu alguns passos instáveis, dois para a frente e um para o lado, em uma tentativa de se virar. Um empurrão firme — abaixo de sua lombar — fez seu pescoço se arquear para trás e o arremessou de forma descontrolada para a beira do penhasco. Ele sentiu novamente um frio na barriga, como se estivesse observando outra vez o arco da rolha do champanhe. Uma imagem distorcida da encosta da montanha, exuberante com a folhagem verde, tomou conta de sua visão durante três segundos. Em seguida, o mar surgiu e o absorveu.

No penhasco, o sol poente realçava o sangue derramado e projetava no granito sombras da garrafa de champanhe e das duas taças, que se

estendiam pelas rochas. Três objetos inanimados atraindo toda a escuridão oposta de suas sombras a partir da claridade do sol, até uma hora depois, quando se apagaram e se fundiram na noite.

*Sala do tribunal
Suprema Corte de Santa Lúcia
Nove meses depois*

A REPÓRTER DA NBC, DIANTE DA CÂMERA, SEGURAVA O microfone, com a sala do tribunal da Suprema Corte de Justiça de Santa Lúcia enquadrada bem atrás.

— Três, dois, um — disse o operador de câmera, fazendo a contagem regressiva, e apontou para a repórter.

— Acabamos de receber a informação de que os jurados voltaram a se reunir para deliberar a respeito do destino de Grace Sebold. Foram longos nove meses para a família de Julian Crist em busca de justiça para o seu filho, que foi morto aqui em Santa Lúcia em março passado. Estudante do quarto ano da Faculdade de Medicina de Nova York, o corpo de Julian Crist foi encontrado na manhã de 30 de março na famosa Sugar Beach, onde ele e seus colegas de turma se reuniram no recesso escolar de primavera para celebrar o casamento de uma amiga. Primeiramente, os detetives acreditaram em uma queda acidental de um dos famosos montes gêmeos de Santa Lúcia, Gros Piton, mas logo começaram a suspeitar da ocorrência de um crime. Após apenas dois dias de investigação, Grace Sebold, estudante de medicina e namorada de Crist, foi presa em Santa Lúcia e acusada do assassinato. Um julgamento tenso, com fortes emoções, se seguiu na Suprema Corte de Justiça de Santa Lúcia. Hoje, o destino de Grace Sebold será decidido por um corpo de doze jurados. — A repórter pôs o dedo no ouvido e deu a informação que acabara de receber: — O júri está voltando. Vamos levar vocês até a sala do tribunal para o veredicto.

A equipe de produção passou a transmissão para o interior da sala do tribunal, que estava lotada de espectadores acomodados nos bancos como um culto de domingo movimentado. Os repórteres e os operadores de câmera da CNN, da BBC e da FOX News se amontoavam na parede dos fundos. Os jurados retomaram seus lugares, e a sala zuniu com uma agitação silenciosa, quebrada vez ou outra pelo disparo das câmeras, com os obturadores abrindo e fechando conforme os fotógrafos tentavam capturar cada gesto e expressão facial. Rompendo o silêncio, uma porta lateral se abriu e um policial entrou conduzindo Grace Sebold. A imprensa, frenética, disputava o melhor ângulo para tirar uma foto da enigmática Grace, descrita nos últimos três meses como uma combinação de médica de futuro brilhante e assassina cruel.

O policial levou Grace até seu advogado, sentado a uma mesa diante do juiz. O advogado ficou de pé quando Grace chegou e sussurrou algo em seu ouvido. Ela concordou sutilmente.

O magistrado pediu silêncio com três batidas sonoras de seu martelo.

— Esta é a Suprema Corte do Distrito Sul de Santa Lúcia, presidindo o caso de Santa Lúcia *versus* Grace Sebold — o juiz afirmou e dirigiu o olhar para os jurados. — Representante dos jurados, o júri chegou a uma decisão unânime a respeito desse caso?

— Sim, meritíssimo — um homem de meia-idade respondeu, segurando uma pasta.

O policial pegou a pasta do representante dos jurados e a entregou ao juiz, que a colocou sobre a superfície na sua frente. Sua expressão facial permaneceu impassível quando ele abriu a pasta e leu o veredicto em silêncio. Em seguida, observou a sala lotada.

— Pedirei a todos os aqui presentes nesta manhã que respeitem a Suprema Corte, abstendo-se de reações emocionais após minha leitura do veredicto. Além disso, peço para a imprensa permanecer em seu lugar e não cruzar nenhuma das barreiras que foram montadas. — O juiz baixou os olhos na direção do veredicto e fez uma pausa breve antes de fixar o olhar em Grace Sebold. — Senhorita Sebold, por favor, levante-se.

Grace obedeceu, e sua cadeira emitiu um guincho terrível quando deslizou pelo chão ladrilhado.

— No caso de Santa Lúcia *versus* Grace Sebold, a respeito da acusação de homicídio de primeiro grau, o júri considerou a acusada: culpada — o juiz afirmou.

Um murmúrio atravessou a sala do tribunal; uma combinação de aprovação da família e dos partidários de Julian Crist e de choro e suspiros dos pais de Grace Sebold.

— Por ordem da Suprema Corte, você, Grace Janice Sebold, foi considerada culpada de homicídio qualificado e será encaminhada para a Penitenciária de Bordelais para aguardar a sentença. Senhorita Sebold, você entende inteiramente as acusações impostas contra você e as possíveis penalidades por ser responsabilizada pelas supracitadas acusações?

Grace murmurou um *sim* quase inaudível.

— Gostaria de se dirigir à corte ou aos jurados, como é o seu direito?

Grace fez um gesto negativo com a cabeça e murmurou de novo. *Não*.

O juiz bateu o martelo mais três vezes enquanto o advogado de Grace Sebold tentava ampará-la. O peso de seu corpo sem energia o impressionou, e ele a acomodou na pesada cadeira de madeira que quebrara o silêncio da sala alguns momentos antes. O policial se aproximou rapidamente dela e a ergueu pelo braço para levá-la de volta para a cadeia.

Apesar das contínuas batidas de martelo do juiz, os repórteres gritavam perguntas para Grace enquanto ela deixava a sala do tribunal.

— Você fez isso, Grace?

— Você é culpada?

— Vai apelar da decisão, Grace?

— Está arrependida do que fez?

— Quer dizer alguma coisa para a família de Julian?

Um repórter particularmente incontrolável avançou até a frente da barreira e inclinou-se sobre o parapeito de mogno para chegar o mais perto possível da porta lateral. O policial arrastou Grace até a porta aberta.

— Grace! — o repórter chamou com uma urgência que chamou a atenção dela e a fez olhar para ele. Quando os olhares se encontraram, o repórter empurrou o microfone sobre a barreira, reduzindo a distância entre ele e Grace para apenas trinta centímetros. — Por que você matou Julian?

Grace piscou ante a rudeza da indagação. O policial afastou o microfone com força e empurrou Grace pela porta lateral, deixando para trás os jornalistas que berravam e suas câmeras estridentes.



PARTE I
O DOCUMENTÁRIO

1

Aeroporto Internacional de Hewanorra
Santa Lúcia
Março de 2017
Dez anos depois

AO TERMINAR DE DIGITAR, SIDNEY RYAN SALVOU O arquivo, fechou o laptop, estendeu o braço sob o assento e o colocou em sua bagagem de mão. O estalo nos ouvidos lhe revelou que tinham começado a descer. Ela tirou uma pasta grossa da bolsa, abriu-a e apanhou a carta que desencadeara sua viagem.

Querida Sidney,

Faz um bom tempo. Quinze anos? Parabéns por todo o seu sucesso. Acompanhei sua carreira, como você pode imaginar, com muita atenção. Você é uma heroína para aqueles que não podem ajudar a si mesmos. Como tenho certeza de que você está ciente, seus feitos ecoaram muito além daqueles que se beneficiaram diretamente. Para aqueles como eu, cujos destinos foram traçados há muito tempo, você dá esperança de que as coisas ainda podem mudar.

Assumirei que você conhece a minha história. E espero que esta carta chegue às suas mãos. Literalmente, você é minha última chance. Esgotei a possibilidade de apelações. Aqui é diferente dos Estados Unidos. Aprendi muito sobre o sistema judiciário de Santa Lúcia na última década. Não há mais brechas a encontrar e não há mais formalidades a seguir. Desse ponto em diante, só posso contar com uma coisa para me ajudar: um reexame das provas. Sem isso, passarei minha vida aqui. E a cada ano que passa, parece que cada vez menos gente está olhando para o meu caso. A esta altura, parece que ninguém se lembra de mim além de minha família.

Estou escrevendo para você, Sidney, para pedir que considere ajudar uma velha amiga. Claro que entendo que nenhuma promessa pode ser feita. E não tenho

como oferecer-lhe alguma compensação. No entanto, ainda me pego escrevendo para você. Não tenho mais ninguém a quem pedir.

Meu advogado e eu podemos lhe fornecer todas as informações a respeito de meu caso. Talvez, se você o examinar totalmente, veja o que muitos outros perderam.

Obrigada, Sidney, por qualquer coisa que você possa fazer por uma velha amiga.

Atenciosamente,

Grace Sebold

Sidney dobrou a carta e olhou pela janela. O avião fez uma curva suave e deu a impressão de estar pronto para pousar no mar quando a pista apareceu e o Airbus 330 aterrissou em segurança. O avião taxiou durante cinco minutos e parou junto às portas do terminal. Todos a bordo abriram os compartimentos superiores e pegaram as bagagens.

Sidney atravessou a porta de saída do avião e pôs os pés no patamar da escada, onde o úmido ar caribenho logo fez sua pele brilhar. Ela desceu a escada até o pavimento e sentiu o calor do asfalto subir em chamas invisíveis ao seu redor. A equipe de filmagem cuidou dos equipamentos, e ela se dirigiu ao terminal. Trinta minutos depois, após passar pela alfândega, Sidney acomodou-se no assento traseiro do táxi, e o motorista pôs-se a percorrer os caminhos sinuosos que cortavam as encostas das montanhas de Santa Lúcia.

Na maior parte do percurso de sessenta minutos, as colinas exuberantes cobertas de floresta tropical passaram pelas janelas do táxi. Finalmente, o motorista engatou uma marcha mais reduzida, e o veículo avançou com dificuldade por aclives bastante íngremes. Ao chegarem ao topo do precipício nos arredores do resort que fica aos pés dos montes Piton, o oceano apareceu no vale. No meio da tarde, a água apresentava um resplendor esmeralda. De tão elevado ponto de observação, parecia quase caricatural. Na área próxima à praia, o mar refulgia cobalto, que se fundia com um azul-marinho mais distante da costa.

O motorista começou a descida para o vale em direção ao Sugar Beach Resort. Em contraste com o percurso até aquele ponto, que incluiu diversas subidas íngremes vencidas pelo cansado motor do táxi, a descida ao vale se compôs de um constante ranger dos freios e curvas fechadas.

Quanto mais desciam, mais altos os picos vulcânicos gêmeos de Gros Piton e Petit Piton se erguiam nos dois lados. A natureza pré-histórica das montanhas íngremes deu a Sidney a sensação de estar tomando o rumo do *Jurassic Park*.

Enfim, o táxi venceu a última curva, e os altos portões de ferro se abriram quando ele se aproximou da entrada do *resort*. Mais uma vez, a umidade assaltou Sidney quando ela desembarcou do veículo.

— Senhorita Ryan, bem-vinda a Sugar Beach — uma funcionária a cumprimentou, estendendo um cesto de toalhas de mão.

Sidney pôs a toalha na nuca.

— O pessoal vai cuidar de sua bagagem — a mulher afirmou com um agradável sotaque caribenho. — Sua empresa já providenciou o *check-in*. Então, seu quarto está à espera.

Sidney seguiu a funcionária por um caminho margeado por árvores, com as sombras oferecendo um alívio para o calor. Durante a caminhada, a jovem apontou para alguns pontos de referência.

— Esse caminho leva ao spa — ela afirmou, indicando —, que tem renome mundial e é altamente recomendado. Foi construído no meio da floresta tropical.

Sidney sorriu, observando as estruturas semelhantes a uma casa de árvore construídas no interior da mata e as escadas de madeira em caracol.

A mulher indicou outra direção.

— Aquele caminho dá na praia.

Os ramos das palmeiras pendiam sobre a longa passagem de paralelepípedos. Suas pesadas folhagens sacudiam sob a ação da brisa do mar até o extremo do caminho, e de onde estava Sidney podia ver um ponto brilhante de sol e ondas espumosas.

Elas fizeram mais uma curva.

— E aqui está o seu chalé.

A mulher abriu a porta e deu passagem a Sidney para o elegante aposento, com móveis brancos perfeitos. O piso de cerejeira escura brilhava com a luz do sol que entrava pelas janelas e pelas portas francesas.

— O bar está bem abastecido: água, sucos e refrigerantes. Bebidas destiladas também. Sua bagagem chegará em breve.

— Obrigada. — Sidney olhou de relance para a plaqueta do lado de fora da porta: 306.

— Sim — a funcionária afirmou, identificando a pergunta nos olhos de Sidney. — Este foi o quarto em que ela ficou.

Sidney assentiu.

— Por favor, entre em contato se precisar de alguma coisa.

— Obrigada.

Sidney fechou a porta do chalé e ligou o ar-condicionado para refrescar o corpo e conseguir desgrudar a blusa da pele. Percorreu o quarto com o olhar, observando o piso de madeira polido, as acomodações confortáveis do banheiro, o terraço banhado pelo sol e a elegante cama com dossel com uma manta branca. Passou a mão pelo cobertor grosso antes de se sentar na beirada.

Dez anos antes, Grace Sebold dormira naquele mesmo quarto na noite em que Julian Crist fora morto.

2

LADEADOS PELOS JARDINS TROPICAIS, SIDNEY E SUA EQUIPE

atravessaram os caminhos sinuosos do *resort* que levavam até a praia. Assim que passaram pela piscina, os tênis de Sidney afundaram na areia. Ao redor dela, os picos gêmeos se projetavam na direção do céu: à direita e ao norte, o Petit Piton; à esquerda e ao sul, o Gros Piton. Entre os dois picos, havia um trecho de quase duzentos metros de areia branca que cintilava sob o sol quente. Mais perto da água, a areia era mais escura, onde a rebentação a deixava com uma cor de caramelo molhado.

— Senhorita Ryan? — um jovem caribenho perguntou, aproximando-se.

— Sidney — ela respondeu, estendendo-lhe a mão.

— Darnell. Serei o guia hoje, seu e de sua equipe. Vocês estão prontos?

Sidney concordou, olhou para trás, na direção da equipe de filmagem, e apontou para os Pitons.

— Filme os picos, pessoal. Algumas tomadas da base até o cume, com o céu coberto de nuvens. Talvez um *time-lapse* para conseguir uma tempestade tropical passando. Pode ser uma boa chamada: um belo cenário e, de repente, uma tempestade violenta. Tomadas aéreas funcionariam bem se pudéssemos incluir no orçamento. — Sidney, então, olhou de volta para Darnell. — A caminhada é difícil?

— Até o topo? — ele quis saber, sorrindo. Seus dentes eram grandes e muito brancos. — Sim. Para o penhasco de Soufrière? Fácil.

— Fácil?! — Sidney estranhou.

— Sem problemas. — Darnell apontou para o bíceps de Sidney e, depois, para o próprio, e deixou escapar uma risada jovial. — Confie em mim. Sem problemas.

Trinta minutos depois, eles tinham preenchido a papelada necessária e assinaram as autorizações exigidas para participar de uma caminhada guiada de subida até o Gros Piton. O trajeto até o topo envolvia uma excursão que levava mais de quatro horas. Até o penhasco onde Julian Crist foi morto, eram necessários mais trinta minutos de caminhada por uma trilha estreita ladeada por folhagens pesadas, com vistas ocasionais da baía dos Pitons ao norte e da vila de casas e pousadas ao leste.

Sidney e sua equipe estavam no meio do caminho para o penhasco quando alcançaram uma escada de pedregulhos ladeada por um corrimão de bambu improvisado. Ao longo dos anos, a estrutura foi reforçada com corrimãos adicionais e algumas pedras. O arranjo artificial atravessava um desfiladeiro íngreme que seria muito desafiador para superar.

Quando se aproximaram da escada jurássica, Sidney perguntou:

— Darnell, esta parte da caminhada mudou ao longo dos anos?

— Não. É a mesma de sempre.

— Então, dez anos atrás, era a mesma escada?

— Sim. Igualzinha.

Sidney se dirigiu à sua equipe:

— Filmem isso de baixo para cima e, depois, de cima para baixo. Capturem um relato em primeira pessoa da subida pela escada, mas sem ninguém no quadro. E me cronometrem durante a subida. Façam mais algumas tomadas e tirem uma média de quanto tempo leva andando, correndo levemente e correndo a toda a velocidade.

Sidney seguiu Darnell pelos pedregulhos; a primeira parte vigorosa da caminhada do dia. Sob uma temperatura de 32°C e 100% de umidade, sua regata já estava encharcada na metade da escada.

Sidney tinha trinta e seis anos, era saudável e estava em boa forma física, e ainda assim precisou da ajuda do corrimão de bambu para chegar ao topo. Porém, considerou que, dez anos atrás, Grace estava com apenas vinte e seis — visto que ambas tinham a mesma idade — quando supostamente fez aquele mesmo trajeto.